

Audiovisual para libertar as dores de mulheres negras

O cinema é uma forma
de representação capaz
de nos constituir como
novos tipos de sujeito

POR **CAROL RODRIGUES***

FOTO: DIVULGAÇÃO



A FELICIDADE DELAS

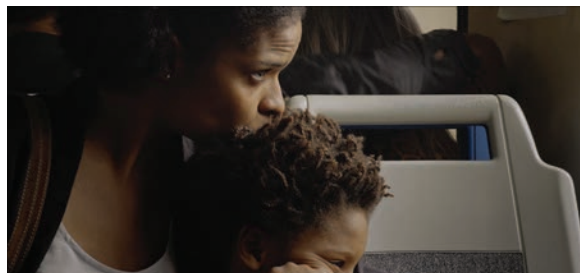
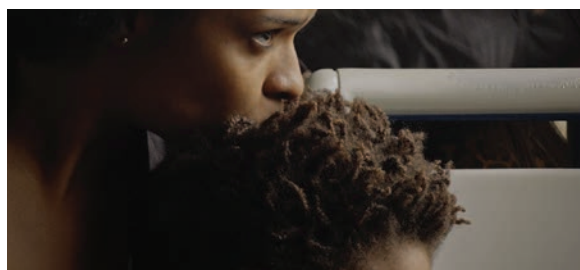
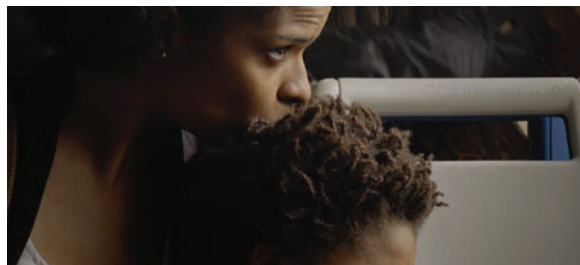


FOTO: DIVULGAÇÃO



MÃE NÃO CHORA

O CINEMA TEM A POTÊNCIA de redefinir o que é humano, o que nos comove, o que importa. Os filmes nos ajudam a descobrir quem somos e quem podemos ser. Como apontou bell hooks em seu consagrado texto *O olhar opositivo: a espectadora negra*, os filmes não são um mero espelho erguido para refletir o que já existe. O cinema é uma forma de representação capaz de nos constituir como novos tipos de sujeito. Através da narrativa audiovisual podemos recriar o nosso passado, nos reestruturar no presente e inventar um futuro no qual nós, pessoas negras e LGBTQIAP+, não seremos mais determinadas pela dor. Nos tornaremos multifacetadas, complexas, infinitas. Livres.

Movida por esse desejo, entre 2014 e 2019, escrevi e dirigi três curtas-metragens protagonizados por mulheres negras: *A boneca e o silêncio* (2015), *A felicidade delas* (2019) e *Mãe não chora* (2019). Neste último, compartilhei a direção e o roteiro com Vaneza Oliveira.

A BONECA E O SILÊNCIO, 2015

Produzido com recursos do edital Curta Afirmativo do Ministério da Cultura, *A boneca e o silêncio* nasceu como um conto em agosto de 2007. Naquela época, eu era ativista do movimento feminista e pretendia utilizar o texto para estimular discussões sobre a discriminação do aborto, o machismo e a situação da mulher em nossa sociedade. Com evidentes fins didáticos e de pouco valor literário, o conto teve vida breve e ficou abandonado durante alguns anos. Em 2012, recuperei o texto como inspiração para a escrita do roteiro que se tornou meu primeiro curta. Do conto, mantive a protagonista Marcela, algumas de suas características e sua ação principal: realizar um aborto clandestino, sozinha, em um prédio abandonado.

Ainda que ilegal na maior parte dos casos, é estimado que pelo menos um milhão de abortos sejam realizados todos os anos em nosso país. É uma das principais causas de morte materna, principalmente entre mulheres pobres e negras. Sobre essas mortes, impera a lei do silêncio; como se a morte dessas mulheres não importasse, como se a vida dessas mulheres fosse insignificante. Aquelas que escolhem interromper uma gravidez são julgadas como criminosas e assassinas que não merecem qualquer perdão. Boa parte da sociedade alega pensar dessa forma. No entanto, a maioria conhece alguém próximo que tenha realizado um aborto e não deseja que aquela pessoa seja presa. Quando você conhece a pessoa, a sua história e os seus motivos, parece ser mais simples compreender a sua decisão. Ou, pelo menos, o julgamento moral implacável torna-se mais complexo.

Um filme consegue dar expressão a determinados sentimentos e inquietações que trazemos em nosso interior e que são compartilhados, coletivos, mas nem sempre sabemos disso.

Assim, em *A boneca e o silêncio* acompanhamos Marcela (Morgana Naughty), uma jovem de 15 anos, que decide interromper uma gravidez indesejada e, na maior parte do tempo, vive esse processo em profunda solidão. Em um momento de sua busca por conexão e amparo, ela dorme mulher e acorda criança (Rebeca Kethely), aninhando-se nos braços de sua falecida mãe (Naruna Costa). No final, depois de tentar realizar o procedimento e acabar se ferindo, é novamente amparada por sua mãe, que traz consigo outras mulheres de diferentes lugares do mundo. Ela não está mais sozinha.

O filme é estruturado a partir do ponto de vista de Marcela, do que ela sente, como ela se vê, e não como é vista ou julgada. Uma narrativa na qual os elementos fantásticos se materializam e suas lembranças se misturam, como um rio que corre e deságua no mar. Quando Marcela percorre os tortuosos caminhos do parque depois de tomar a sua decisão, todos os pedestres param o que estão fazendo e olham para ela. O lugar se transforma em um teatro, cuja plateia acompanha com olhar atento, vigilante e claustrofóbico a inversão da dinâmica de poder entre Marcela e João (Giovanni Gallo). Há uma naturalidade entre o que é real e o que é fantástico. Realismo mágico, mas sem a mitologia ancestral. Mais sutil, num aspecto mais íntimo. Vale dizer que levei esse conceito, que comecei a elaborar neste primeiro filme, para meus projetos seguintes. Uma concepção que amadureci em conjunto com a equipe.

Nossa diretora de arte, Monica Palazzo, por exemplo, sugeriu evitar o uso da cor vermelha ao longo do filme,

deixando-a especialmente para o sangue. Dessa maneira, demos força a esse elemento e, na cena final, pudemos quebrar a visão do feminino enquanto algo etéreo, fantasmagórico. O vermelho também está no vestido que Marcela usa quando encontra sua mãe, na roupa de sua boneca e nas cartelas iniciais e finais do curta. Uma cor que reitera o aspecto cíclico dessa narrativa e da violência sofrida.

Com Julia Zakia, a diretora de fotografia, combinamos o uso da representação naturalista, porém sem mudança de registro nos eventos extraordinários. O naturalismo foi evocado na luz e na temperatura de cor. Como buscamos criar uma atmosfera de estranhamento, de algo fora do lugar, em quase todos os planos apostamos no uso das diagonais para composição. Seja nos elementos arquitetônicos da própria locação em relação ao quadro, na disposição dos móveis, na posição ou movimentação dos corpos das personagens ou mesmo nos objetos de cena, como o plano detalhe da tesoura que ocupa toda a tela. Uma imagem desconfortável e poderosa de ameaça, que tem seu efeito ampliado através do som.

O trabalho de Guile Martins, técnico e desenhista de som, buscou acentuar a fluidez entre as cenas, aproximando a estrutura do filme de um rio que corre, imagem com a qual trabalhamos desde o início de nossas discussões. Na cena dos veios de sangue que se misturam, por exemplo, as vozes das mulheres ganham eco e intensidade, como se chegassem a uma queda d'água, uma cachoeira. Alguns anos depois, a água como forma estruturante retornou com intensidade em nosso curta *A felicidade delas*.

Outro aspecto fundamental é que filmamos na janela 2.39:1, formato que nunca mais abandonei. A janela cinematográfica permite forjar zonas de silêncio com efeitos expressivos. Ideal para registrar olhares e sorrisos, é uma janela fascinante para um filme estruturado do ponto de vista e na interioridade da protagonista.

Vale dizer que foi um desafio encontrar a atriz que interpretaria Marcela. Afinal, era preciso alguém que soubesse trabalhar com o não dito, que oferecesse um universo escondido em seus gestos e expressões e, ao mesmo tempo, tivesse um eu físico (feições, linguagem corporal, movimentos, voz) que fosse interessante à narrativa. Através de testes de elenco, encontramos Morgana Naughty, que havia atuado no clipe *Duas de Cinco + Cócix-ência*, do cantor Criolo. Apesar de sua pouca experiência enquanto atriz, Morgana conseguia traduzir Marcela em seu olhar, em sua postura, em alguns gestos e mesmo na variação da entonação de sua voz. Realizamos quatro ensaios com seis horas cada. No primeiro, nós apenas conversamos. Falamos sobre a personagem e a linguagem do filme, mas também entramos em temas pessoais como planos para o futuro, maternidade, gravidez, aborto etc. Na época, Morgana tinha 16 anos. Achei que era importante essa conversa inicial para ela se sentir mais tranquila em relação aos temas, para eu entender seus limites e conseguir respeitá-los da melhor forma possível. Nos próximos ensaios, contamos com a presença dos demais atores.

Foi um processo intenso. Acho que um dos elementos mais importantes foi ter conquistado a confiança de Morgana para que ela se permitisse expor fragilidades e vulnerabilidades, além de superar o julgamento e a condenação inicial que ela fazia da personagem. Em um dos debates que realizamos após a exibição do filme, Morgana deu um lindo depoimento no qual confidenciou que saiu do processo do filme como uma mulher mais forte.

Filmamos entre os dias 12 e 15 de agosto de 2014, na região de Ermelino Matarazzo na zona leste de São Paulo. Em janeiro de 2015, o filme estava finalizado. Pronto a tempo de ser enviado para a 18ª Mostra de Tiradentes (MG), na qual estreou. No mês seguinte, teve estreia internacional no 6 FESTin em Lisboa, recebendo o prêmio de melhor curta-metragem eleito pelo público. O filme participou de mais de 30 festivais, nacionais e internacionais, vencendo prêmios em São Paulo, Belo Horizonte, Polônia e Índia.

No entanto, o mais marcante foram as exibições seguidas de debate em centros culturais, escolas públicas, grupos de movimento negro e de mulheres, sedes de movimentos sociais e de trabalhadores. Foi nesses momentos que compreendi o verdadeiro sentido de realizar esse filme: propor um ambiente seguro e confiável para as mulheres conversarem sobre suas experiências em relação ao aborto, a maternidade e a solidão. Acho que o cinema tem essa vocação de criar conexões. Um filme consegue dar expressão a determinados sentimentos e inquietações que trazemos em nosso interior e que são compartilhados, coletivos, mas nem sempre sabemos disso. Através do cinema, podemos perceber que não estamos sozinhas. Curiosamente, o desejo que eu tinha quando escrevi o conto conseguiu ser realizado através do filme.

Muitos dos aprendizados e descobertas que tive nesse primeiro curta levei para os próximos projetos: a empatia da linguagem estruturada do ponto de vista e na interioridade da protagonista; o uso do naturalismo com momentos de ruptura fantástica; o potencial estético e narrativo do formato de tela 2.39:1; o olhar claustrofóbico, violento, confrontador e a ação de resistência; a jornada de personagens à procura de conexão, afeto e acolhimento nas situações mais dolorosas. Além disso, comecei a buscar uma equipe cada vez mais negra, com mais mulheres e LGBTQIAP+.



MÃE NÃO CHORA

MÃE NÃO CHORA, 2019

Se foi um desafio encontrar a protagonista para *A boneca e o silêncio*, no processo de *Mãe não chora* (2019) foi a protagonista que me encontrou. Em 2016, a atriz Vaneza Oliveira procurava alguém com quem pudesse desenvolver um projeto de curta-metragem inspirado em uma situação que viveu como mãe solo durante a entrada no processo de pensão alimentícia de sua filha. Quando ela assistiu ao meu primeiro filme, identificou na solidão de Marcela o sentimento mais evocativo de suas próprias experiências. Assim, escrevemos juntas a história de Raquel (Vaneza Oliveira), que trabalha na Vara da Família na Defensoria Pública mas não consegue entrar com um pedido de pensão contra o pai do seu filho. O filme acompanha o dia em que ela tem que levar o filho (Pedro Guilherme) para o trabalho porque não consegue deixá-lo com o pai (Rafael Lozano). Quando o projeto foi contemplado com o Edital de Curtas da Spcine de 2016, Vaneza me convidou para dividirmos a direção e o roteiro.

Segundo pesquisa do Instituto Data Popular de 2015, o Brasil abriga mais de 20 milhões de mães solo. O filme busca desconstruir a naturalidade com que o abandono paterno é encarado em nossa cultura, que costuma inocentar o pai e culpabilizar a mãe, impondo à mulher todas as responsabilidades do cuidado de uma criança. Raquel é uma mulher à procura de apoio e interlocução. Uma mulher que não é vista além da maternidade e que sequer pode chorar.

Esse projeto nasceu com o título *Sob o olhar dela*. Durante a edição, nossa montadora, Beatriz Pomar, sugeriu mudar para *Mãe não chora*, uma frase dita por Pedrinho, que parece traduzir, de modo mais preciso, a pressão que incide sobre as mães.

Com a diretora de fotografia Flora Dias, chegamos a um conceito que buscava expressar essa contínua sobrecarga. Enquadramentos fixos nos quais Raquel está



FOTO: DIVULGAÇÃO

A BONECA E O SILÊNCIO

dividida entre duas ações diferentes que acontecem ao mesmo tempo. Enquanto ela, na cozinha à direita, tenta ligar para o pai de seu filho, o garoto, à esquerda, derruba o pote de açúcar, que se espalha pelo chão. Enquanto Raquel tenta se justificar com sua chefe (Tais Almeida Prado) em primeiro plano, seu filho, ao fundo, vasculha curioso o lugar onde ela trabalha.

Raquel está sobrecarregada, exausta, exaurida. Quando seu filho derruba uma pilha de pastas, o peso do mundo cai sobre ela. No mesmo sentido que a cena do parque em *A boneca e o silêncio*, é um momento de distanciamento épico e ruptura com o naturalismo. Todos os atores, figurantes e equipe atrás das câmeras param o que estão fazendo e miram Raquel com olhar atento, vigilante, claustrofóbico. Ouvimos trechos de depoimentos de mulheres enfrentando situações semelhantes à dela. As vozes ganham intensidade e vão se sobrepondo. Pedrinho olha para sua mãe e para as pessoas olhando para ela. Pela primeira vez, parece tomar consciência da violência que Raquel sofre.

Acho que vale contar que, durante a filmagem, tivemos um problema grave com os materiais captados e decidimos refilmar o curta. Foi o momento em que o antigo di-

retor de fotografia saiu e Flora se uniu ao nosso projeto. Graças aos esforços dos produtores Fernanda Lomba e Pedro Balle, que orquestraram toda sua rede de contatos na busca por apoio, conseguimos encontrar soluções em um tempo curto. Como precisávamos reescrever o roteiro, diminuindo o número de páginas, locações e personagens, aproveitamos para aprofundar as questões emocionais e desenhar melhor os momentos de afetividade, empatia e amor. No trem, Pedrinho troca afetos e acolhimento com sua mãe. É o único momento de respiro de Raquel, de calma. Por isso, não ouvimos sua conversa com o filho. Na mixagem de som, orquestrada por Ruben Valdes, mantivemos somente a paisagem sonora de ambiente urbano que, abruptamente, é interrompida pelo locutor esportivo na televisão do bar onde Will (Rafael Lozano) está.

O filme estreou no Festival Kinoforum 30, tendo sido eleito um dos dez curtas favoritos do público. Participou de vários festivais por todo o Brasil, recebendo os prêmios do Júri Jovem do Festival Curta Cinema 2019, de melhor filme do Júri Popular da 4ª Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso e os prêmios de melhor atriz (Vaneza Oliveira) e melhor filme curta-metragem da III Mostra Adélia Sampaio. O curta está licenciado para o Canal Brasil.

A FELICIDADE DELAS, 2019

Também contemplado pelo Edital de Curtas da Spcine, *A felicidade delas* (2019) traz duas jovens negras (Ivy Souza e Tamirys O'hanna) que fogem juntas da polícia depois de uma manifestação. Durante a fuga, vão parar em um prédio abandonado onde amadurecem o desejo que sentem uma pela outra desde o primeiro momento em que se viram na marcha.

Muitas vontades impulsionaram esse projeto. Em primeiro lugar, a de trazer o amor *afroqueer* de forma positiva, naturalizada e sem qualquer ar ferido de submissão. O título do curta é uma celebração aberta que anuncia o final feliz.

Além disso, havia a vontade de dar uma resposta estética para os parâmetros racistas da fotografia que padronizaram as cores a partir do tom da pele branca e a subexposição da pele negra. Desejava fazer um filme com fotografia deslumbrante, mostrando duas mulheres negras retintas percorrendo um prédio sem luz durante a noite. Para isso, eu e a diretora de fotografia Julia Zakia analisamos filmes como *Moonlight* (2016), de Barry Jenkins, e *Pária* (2011), de Dee Rees, investigando os equipamentos utilizados, o desenho de luz etc. A equipe de arte, encabeçada por Fernando Timba, também foi fundamental para encontrarmos as melhores estratégias de registro de Ivy e Tamirys.

Sem nenhum diálogo, o filme explora a dramaturgia desses corpos em cena, em constante movimento de aproximação e distanciamento. Filmado na Ocupação 9 de Julho em São Paulo, toda a geografia do prédio que elas exploram foi desenhada artificialmente através da decupagem. Em um determinado ponto, elas saem de quadro à direita de um cômodo no térreo e entram em quadro à esquerda no 12º andar da ocupação. É o local onde elas encontram um buraco na parede e Tamirys tem a iniciativa de passar através dele.

Para garantir a fluidez dessa movimentação, sem inverter o eixo ou a direção dos olhares, filmamos os ensaios e usamos esse material para testar a decupagem. Com es-

sas imagens também foi possível desenhar de forma mais precisa, o storyboard e a planta baixa das cenas. Na maior parte do filme utilizamos essa abordagem mais analítica; no entanto, como o início foi filmado durante a Marcha do 8 de março em São Paulo, seu registro foi mais documental, permeável à realidade e com uma certa liberdade de composição e improvisação.

Quando a polícia chega, Ivy e Tamirys se escondem em um espaço apertado entre paredes de madeira e concreto. Seus corpos ficam tão próximos que elas sentem a respiração uma da outra. A tensão da violência se aproxima, anunciada pelo barulho que aumenta cada vez mais no cômodo ao lado. Pessoas LGBTQIAP+ são empurradas para existir apenas nas margens. Eu queria afirmar que não precisamos estar atrás de portas fechadas ou no escuro. Não somos obrigadas a aceitar nenhum limite. A imagem metafórica dessa libertação é a enchente, símbolo de destruição e, ao mesmo tempo, de potência da vida. Para construir essa enchente “nunca antes vista em São Paulo”, iniciamos com um efeito visual de modelagem 3D dos corpos das meninas se liquefazendo. Então, entram imagens de arquivo de diversas enchentes em encadeamento crescente. Por fim, outra composição de imagem: num plano aberto as águas tomam a cidade inteira.

O curta estreou no VIS Vienna Shorts 2019, tendo sido exibido em diversos outros festivais na Ucrânia, Croácia, Suécia, Equador e Espanha. Foi vencedor dos prêmios de Júri da Crítica e de melhor fotografia no Festival For Rainbow (Fortaleza, 2019). Também foi contemplado com o prêmio de Melhor Filme Nacional pelo Júri Oficial no 7º Recifest (Recife, 2019). No FRAPA 2020, recebeu o prêmio de melhor final de um curta-metragem. No mesmo ano, foi exibido no Mubi, dentro do Especial Cabéria Festival. ■

*** CAROL RODRIGUES** É DIRETORA E ROTEIRISTA. REALIZOU TRÊS CURTAS PREMIADOS QUE TIVERAM AMPLA CARREIRA EM FESTIVALS NACIONAIS E INTERNACIONAIS: *A BONECA E O SILÊNCIO* (2015), *A FELICIDADE DELAS* (2019) E *MÃE NÃO CHORA* (2019), QUE CODIRIGIU E CORROTEIRIZOU COM VANEZA OLIVEIRA. PREPARA-SE PARA DIRIGIR O SEU PRIMEIRO LONGA, *CRIADAS*, NO FINAL DE 2023.